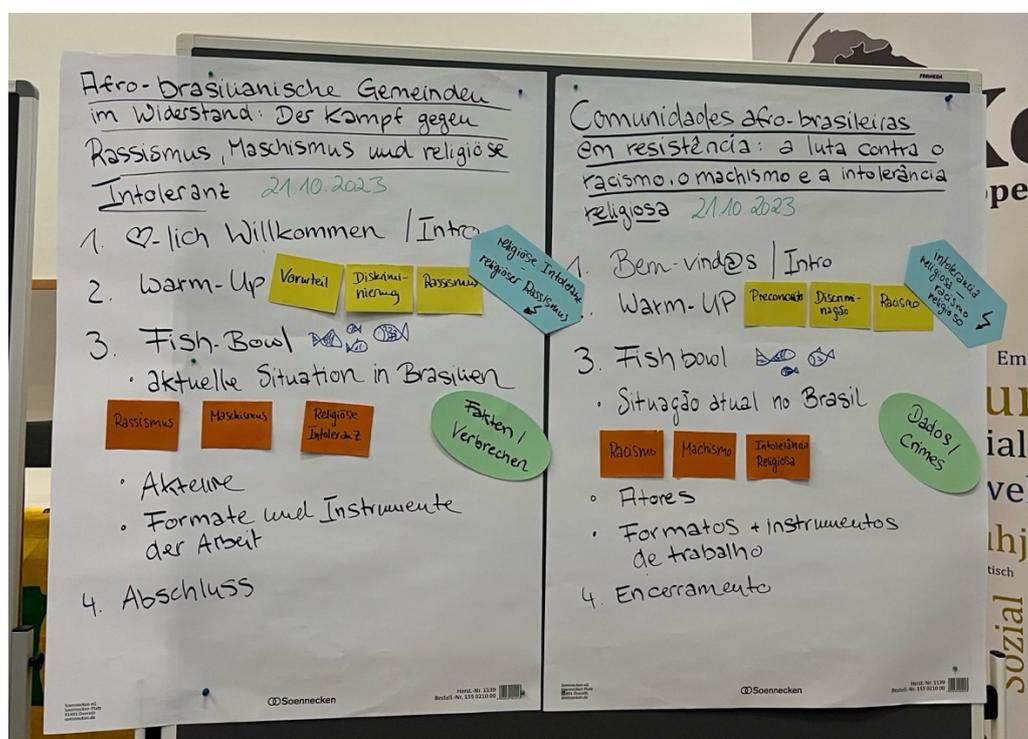


Título: Comunidades Afro-Brasileiras em Resistência: A Luta contra o Racismo, Machismo e Intolerância Religiosa
Data: 21 de outubro de 2023
Horário: 10h-12h
Pódio/Input: Ana Gualberto ([Koinonia Brasil](#))
Moderação: Julia Ziesche e Victor Souza (Heinrich-Böll-Stiftung Berlin)

Protocolo: Theresa Mentrup (Universidade de Mainz)



1) Abertura: Bem vind@s / Intro

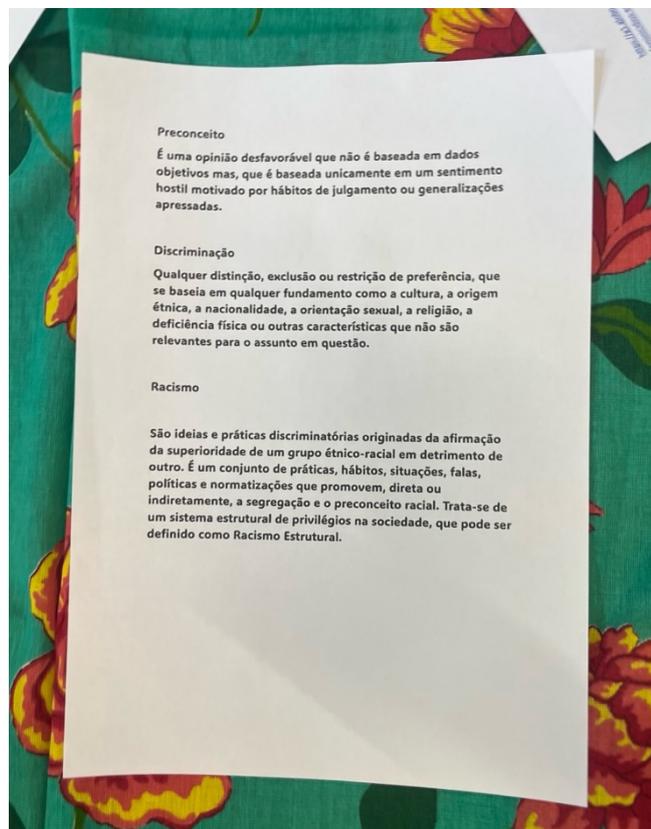
- Julia: bem-vind@s ao grupo, explicação da estrutura da oficina interativa
 - tema da oficina é reconectar com o debate inicial da sexta a noite: vai tocar questões de desigualdades estruturais ao longo dos eixos machismo, intolerância religiosa e racismo (religioso) que representam também os eixos do trabalho da organização Koinonia
 - para aprofundar os temas discutidos na oficina, Ana, Julia e Victor vão compartilhar materiais adicionais da Koinonia e da Fundação Heinrich-Boell depois da conferência (junto com esse protocolo)
 - a cooperação entre as duas organizações, Koinonia e Fundação Heinrich-Boell, se entende como aliança em parceria contra fundamentalismos no Brasil

- Victor: apresentação da Ana como diretora executiva da Koinonia Brasil, baseada no escritório da organização em Salvador da Bahia
- Ana: apresentação breve do trabalho da Koinonia que se entende como organização não-governamental, ecuménica (mas não-religiosa!) que se empenha em estimular e iniciar transformações sociais fundamentais no Brasil e no mundo
 - como realizar esse objetivo da organização? Por exemplo, em combater o machismo como uma manifestação do Patriarcado, quer dizer: como estrutura(s) (re)afirmando desigualdades que, por causa disso, precisa(m) de ser re-pensada(s) e re-estruturada(s)

2) Warm-Up: Roda de apresentação

- todes se apresentarem dando seu nome, o nome da organização e compartilhando uma experiência, uma impressão ou também um pensamento em relação á pergunta sobre o que significa intolerância religiosa ou também racismo religioso para ela/ele
- os exemplos compartilhados incluíram, entre outros, experiências pessoais do Brasil como da Alemanha em relação a questão da religião, da raça, da classe ou também do medo geral do “outro”, referências às dimensões estruturais dos problemas indicados e a continuidade da violência colonial, a incerteza sobre a diferença entre os conceitos da intolerância religiosa e do racismo religioso etc.
- Ana: a diferença entre intolerância religiosa e racismo religioso é que o primeiro se refere a qualquer intolerância na base do aspecto da religião e o segundo enfoca na questão de quem está sofrendo o ataque dessa intolerância, quem está enfrentando assédio e violência por demonização, desumanização e desrespeito epistemológico, no Brasil há uma legislação para combater intolerância religiosa, mas também é importante ligar isto às leis que combatem o racismo.

→ para melhor entender essa diferença de conceitos, a Ana se referiu ao caso de um casal indígena que foi queimado em setembro deste ano porque eles continuaram a praticar sua religião indígena (<https://apiboficial.org/2023/09/19/casal-de-rezadores-kaiowa-e-guarani-morrem-carbonizados-em-incendio-criminoso/>) e compartilhou definições concretas de preconceito, discriminação e racismo:



Recentemente, no dia 10 de novembro de 2023, houve mais um caso:

<https://www.youtube.com/watch?v=PTiMd8Dkcy0>

→ violência desumanizada = terrorismo religioso que, por exemplo, também causa um reforço de medidas de segurança das comunidades e coletivos tradicionais no Brasil por conta de seus rituais etc.

→ Ana quer entender a parceria alemã-brasileira das organizações em geral e com nós indivíduos na oficina em particular podemos apoiar no combate à essas linhas coloniais

→ para melhor entender a diferença entre os conceitos do preconceito, da discriminação e do racismo (também com suas interligações) a gente leu e falou sobre as definições e os exemplos que a Ana deu

→ repetindo um ponto do debate inicial na sexta à noite, Ana se referiu ao exemplo de dois meninos negros entrando num ônibus, o que leva as pessoas a segurarem suas bolsas, uma situação bem comum no Brasil que exemplifica um PRECONCEITO

→ o conceito do RACISMO, por outro lado, refere-se mais a um sistema, estruturas sociais derivada do contexto colonial que resultam, se manifestam e se reproduzem nesses casos concretos de preconceito baseados num processo de discriminação

→ ódio no Brasil se alimenta dessas estruturas racistas → processo complexo / dinâmico

→ Ana: é importante aprender a ouvir ativamente porque as comunidades tradicionais têm muito a oferecer, o que é importante aprender e entender para iniciar uma transformação social

3) Fish-Bowl: situação atual no Brasil

- Julia apresentou o formato interativo do Fish-Bowl: duas cadeiras livres para participar ativamente na discussão no pódio e indicou mais uma vez que a discussão se orientaria ao longo dos três eixos de trabalho da Koinonia: Racismo, Machismo, Intolerância Religiosa com referência aos dados / crimes exemplificados divulgando no meio do chão
- Ana começou a comentar sobre a questão do racismo se referindo ao reavivamento do movimento Black Lives Matter (BLM) em 2020 durante a pandemia do coronavírus nos EUA que causou uma solidariedade enorme com vidas negras a nível mundial (manifestações, discussões etc.); mas os casos semelhantes do Brasil – por exemplo o caso de Bruno e Yan em maio de 2021 na Bahia: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-01/execucao-sadica-de-tio-e-sobrinho-em-salvador-atrela-outra-vez-um-hipermercado-a-racismo-que-mata.html> – nunca causam a mesma mobilização, nem no Brasil, nem no mundo → por quê? Como cobrar a sociedade brasileira (e o mundo) para se importar dos seus (outros) negros mortos com a mesma intensidade e falta de empatia? Por quê o BLM recebe solidariedade mundial e as pessoas só se mobilizam em relação a@s negr@s nos EUA? Como mobilizar com a mesma ressonância internacional para os negros assassinados no Brasil e no resto do mundo?
 - normalização da violência e da desumanização perante negr@s no Brasil, exemplificada tanto acima como no caso do Miguel: um menino negro que, enquanto a mãe trabalhava como empregada doméstica durante a pandemia, caiu do 9º, quando a patroa, com quem a mãe deixou o menino, foi fazer manicure e o deixou sozinho (https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Miguel_Otávio_Santana_da_Silva)
 - Ana falou que é preciso parcerias para gerar essa ressonância internacional; por isso, por exemplo, se organizássemos uma manifestação na Alemanha, quando surgir um novo caso de assassinato a uma pessoa negra no Brasil, isso ajudaria muito para gerar essa ressonância e também cobrar a consciência da sociedade brasileira nesse respeito
- dificuldade de quebrar o racismo brasileiro ou se mobilizar contra ele (como, por exemplo aconteceu nos EUA nos anos 70) porque as pessoas não têm autoconsciência: as pessoas que executam a violência (os policiais, etc.) contra negr@s são, na maioria dos casos, el@s mesmos negr@s

- fazem isso por falta de autoconsciência, por falta de reconhecer a si própri@, por falta de sentir a si própri@ → para explicar esse ponto, a Ana contou a história do espelho/ligara ao seu Orixá: primeiramente enfrentar a si mesmo, tomar consciência de si própri@, antes de tomar consciência sobre seu redor e sua posição no meio ambiente, no mundo e em relação @s outr@s
- essa autoconsciência abre a possibilidade de diálogo
- dia 20 de novembro = Dia da Consciência Negra e dia 25 de julho = Dia da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha → respostas ao dia 13 de maio = Dia da Abolição da Escravatura
- racismo no Brasil como um racismo ainda mais complexo e difícil → pessoas brasileiras que tem essa consciência do racismo se sentem ainda mais sensibilizadas pelas dimensões sutis das diferentes formas de racismo
 - racismo cementado nas estruturas burocráticas na Alemanha, por exemplo → em processos de asilo: Quem é que tem que relevar o nome do pai da criança mesmo que tem leis garantindo que não tem que indicar? Quem recebe a cidadania?
 - paradoxo geral: o racismo na maioria dos casos fica ou aparece como um problema que as pessoas atingidas por ele mesmo têm que resolver e não as pessoas responsáveis por sua existência como tal em primeiro lugar
- um outro exemplo que a Ana levou e que discutimos em grupo foi o do feminicídio que aumentou muito no Brasil (<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>) e que, em muitos casos, afeta mulheres negras ou / LGBTQI+ incl. pessoas trans (<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/26/131-pessoas-trans-foram-assassinadas-em-2022-aponta-associacao.ghtml>) que quase não estão representadas no nível político como grupo protagonista e também não estão representadas como categoria separada nos dados e estatísticas oficiais da polícia → importância de gerar outras perspectivas nas estatísticas publicadas para monitorar e trazer atenção a esses casos.
- diálogo como modo fundamental de entrar em contato com @s outr@s, especialmente com pessoas de outras convicções → importância, por exemplo, do intercâmbio ecumênico
 - no Brasil: fusão das religiões evangélicas com políticas radicais causa a cementação do fundamentalismo, hierarquias estritas, uma disputa de valores e uma disputa emocional do senso comum que não deixa espaço para um diálogo e outras perspectivas
 - além dos mais, cerca de 20% das pessoas que votaram em Bolsonaro não parecem ter a disposição de dialogar; esses modos de diálogo deveriam ter o objetivo de endereçar o resto das 47% da população brasileira (que votou em Bolsonaro), idealmente para lhes fazer re-pensar suas decisões eleitorais na próxima vez
- parcerias e relações internacionais → efeitos das atividades de empresas alemãs no Brasil que também inclui questões sobre recursos financeiros e a terceirização de trabalhos sujos ao Sul Global (por exemplo, Tesla: <https://latina-press.com/news/271625-brasilien-praesident-bolsonaro-plant-tesla-fabrik/> (artigo em alemão))
 - Ana: experiência mostra que os papéis e burocracias dessas empresas normalmente estão bem organizados e alegam ter esclarecido tudo antes para as comunidades tradicionais, de acordo com o Consentimento Prévio e Informado (FPIC → ILO 169 169). Observa-se, entretanto, que este direito das comunidades está, na maioria dos casos, violado
 - informação / informações nesses processos se torna(m) um poder sobre o que exatamente está decidido – na maioria dos casos empresas que não estão presentes nos territórios e até, em outras partes do mundo, decidem a implementação de projetos como parques eólicos; falta

normalmente um conhecimento das verdadeiras condições e contextos dos territórios e das pessoas, que ali vivem

→ as vezes, pessoas e comunidades reclamando são pagas para serem silenciadas. Entretanto, muitos percebem no fim (do dinheiro) que não se pode comprar tudo neste jogo de poderes

- O Ministério de Desigualdade Racial no Brasil sob o governo do Lula tem poder de mudar alguma coisa além do simbólico?
 - Ana: como o Ministério dos Povos Indígenas o Ministério de Desigualdade Racial no Brasil foi criado primeiramente como Ministério de diálogo e articulação, para ter alguém representando esses grupos e entrar em contato com os ministérios que têm fundos e mais poder político, infelizmente faltam recursos nestes ministérios tão importantes
 - Ana: ministérios também são formatos de como se apresentar para o mundo e o Brasil é bom nisso; mas, além disso, essas pautas as vezes se tornam dinheiro e criam direitos que também outros grupos podem apropriar para seus fins → “fazer gambiarra”
- A direita/extrema direita abriram a caixinha de odio durante o governo Bolsonaro
- formas de trabalho e projetos de Koinonia? Ana: por exemplo, orientação em questões tributárias
 - reclamar as remissões fiscais aos territórios religiosos onde se praticam religiões de matriz africana que primeiramente foi garantido apenas às igrejas → apropriação de direitos brancos
 - documentação e informação na base de trabalho nas ou / e com as comunidades tradicionais, acompanhamento em relação ao auto-(re)conhecimento e consciência
 - relatórios, pesquisas, estudos etc.
- combate à violência doméstica em comunidades (tradicionais) → diferenças entre vida na cidade e vida no campo, mas essas diferenças não estão representadas nas estatísticas disponíveis
 - na Koinonia, percepção que não se pode resolver esse problema sem abordar ambos os lados da violência doméstica, isto é, trabalhar tanto com as mulheres como com os homens
 - como? contratar homens do mesmo perfil dos homens, que el@s queriam incluir para estabelecer uma base de comunicação e espaço seguro entre eles
 - metodologia (de espelho) que funcionou / funciona – estabelecimento de grupos de homens nas comunidades (tradicionais) para trabalhar a autoconsciência e, a partir de aí, a questão do protagonismo na vida doméstica.
 - “empatia é a chave do negócio” → investimento individual que causa um efeito coletivo
- parceria e questões de articulação entre os diferentes tipos de comunidades tradicionais? Como funciona a colaboração e a comunicação entre eles?
 - Ana: as redes entre as diferentes comunidades tradicionais são importantíssimas → como mostrou o pódio inicial da conferência na sexta, há também questões e problemas em comum como o direito ao território e a soberania sobre as terras, por exemplo. Assim, é fundamental ressaltar a importância, das comunidades tradicionais se unirem nessas lutas e não se deixar fragmentar (nesse caso, o outro lado já teria ganhado)

4) Encerramento

- processo de globalização mostra que não tem ninguém sem responsabilidade pelo futuro socioambiental → a gente tem que deixar recursos sociais e naturais também para as gerações a vir, se não a humanidade não tem chance de sobreviver no futuro
- a gente tem que pensar em equilíbrios: como consumir sem destruir?

- a gente tem que colocar um prazo ao futuro aspirado para que ele não se torne utopia: só se tiver um espaço livre, ocupado com alguém de uma perspectiva diferente da maioria para iniciar a transformação socioambiental

5) Material adicional

Filme sobre o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa (21 de janeiro 2023):

<https://www.youtube.com/watch?v=fuXyWVkrViM&t=64s>

Dossier Religião e Política, Fundação Heinrich-Boll

<https://br.boell.org/pt-br/religiao-democracia-e-extrema-direita>

Caderno de campo: Notas de experiência de pesquisa em Territórios Negros (2021). Por Ana Gualberto e Daniela Yabeta. Fundação Heinrich-Boell e Koinonia

<https://br.boell.org/pt-br/2021/10/18/caderno-de-campo-notas-de-experiencia-de-pesquisa-em-territorios-negros>

Cadernos Religião e Política: Caminhos abertos para superar o ódio e a intolerância na Bahia (2019), Fundação Heinrich-Boell e Koinonia

<https://br.boell.org/pt-br/2019/01/21/cadernos-religiao-e-politica-caminhos-abertos-para-superar-o-odio-e-intolerancia-na-bahia>

Comunidades remanescentes de quilombo no Brasil: Resistência continua a ser a palavra!

<https://br.boell.org/pt-br/2021/03/01/comunidades-remanescentes-de-quilombo-no-brasil-resistencia-continua-ser-palavra>

Outros dados importantes:

Novembro: Mês da consciência negra

Julho: Julho das pretas